

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE BOCA DE LUAR

POSFÁCIO

Francisco Bosco

COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre fotografia de Elliott Erwitt/
Magnum Photos/ Latinstock.

FOTO DO AUTOR

Fotografia da p. 1: retrato de Carlos Drummond de Andrade
pertencente ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira,
da Fundação Casa de Rui Barbosa.

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Thaís Totino Richter

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Boca de luar/ Carlos Drummond de Andrade;
posfácio Francisco Bosco — 1^a ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2499-2

1. Crônicas brasileiras I. Bosco, Francisco. II. Título.

14-09967

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas: Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- 13 Visitante noturno
- 16 A companhia indesejável
- 21 Bela noitada
- 26 A estranha (e eficiente) linguagem dos namorados
- 28 Aconteceu em Londres
- 31 Milho cozido
- 34 O carro, a jardineira, a calçada
- 37 Tem cada uma na vida
- 40 Um cão, outro cão
- 43 Ilhas de Minas, no voo das palavras
- 46 Boca de luar
- 49 Casamento
- 52 Depois da quarta dose
- 54 Filósofo
- 57 Música no táxi
- 60 O Velho
- 63 Sermão da planície (para não ser escutado)
- 65 Treze na ilha
- 68 José, do Mucuri
- 71 Mandula
- 74 Marieta
- 77 O rato e o canário
- 80 Diálogo dos pessimistas
- 83 Agora pensei em Rosa
- 86 Com licença: a barata
- 88 Aquela manhã e depois
- 90 Declarações à colegial que veio entrevistar-me
- 93 Arte e casamento
- 96 A secretaria me contou
- 99 Eles nunca mais foram vistos
- 102 Governador eleito
- 105 A lei do verão

- 110 Bob e o dicionário
- 113 Carta de amor
- 116 Não faça mais isso, dona
- 119 O caminho da luz
- 122 Coisas lembradas
- 125 A manhã do Dia do Poeta
- 128 Amizade no morro
- 131 A moça em Marajó
- 134 A moça disse: alto lá!
- 137 Em ida, em ada
- 139 A prancha
- 142 Não se paga mais nada
- 145 O cozinheiro
- 148 O VIP sem querer
- 151 O frívolo cronista
- 153 O reformista em casa
- 156 Participação de casamento
- 159 Profissão: banqueiro
- 162 Último ato

- 165 Nota da edição

- 167 Posfácio
 - Ao fim, no meio do caminho da escrita,*
 - FRANCISCO BOSCO
- 177 Leituras recomendadas
- 178 Cronologia

VISITANTE NOTURNO

O inseto apareceu sobre a mesa como todos os insetos: sem se fazer anunciar. E sem que se atinasse por que motivo escolhera aquele pouso. Não parecia bicho da noite, desses que não podem ver lâmpada acesa, e logo se aproximam, fascinados. Era uma coisinha insignificante, encolhida sobre o papel e ali disposta, aparentemente, a passar o resto de sua vida mínima, sem explicação, sem sentido para ninguém.

Ninguém? O homem, que tem o hábito de ficar altas horas entre papéis e livros, sentiu-lhe a presença e pensou imediatamente em esmagar o intruso. Chegou a mover a mão. Não o mataria com os dedos, mas com outra folha de papel.

Deteve-se. Não seria humano liquidar aquele bichinho só porque estava em lugar indevido, sem fazer mal nenhum. Inseto nocivo? Talvez. Mas sua ignorância em entomologia não lhe dava chance de decidir entre a segurança e a injustiça. E na dúvida, era melhor deixar viver aquilo, que nem nome tinha para ele. Com que direito aplicaria pena de morte a um desconhecido infinitamente desprovido de meios sequer para reagir, quanto mais para explicar-se?

O inseto parecia pouco ligar para ele, juiz autonomeado e algoz em perspectiva. Dormia ou modorava sobre a mesa literária, indiferente, simplesmente. Chegara por acaso, sumiria daí a pouco; deixá-lo viver a seu modo, que era um viver anônimo, desligado de inquietações humanas, invariável dentro da natureza: curto e pobre.

Uma ternura imprevista brotou no homem pelo animálculo que momentos antes pensara em destruir. Como se alguém viesse de longe paravê-lo, fazer-lhe companhia, em sua noite de trabalho. Não conversava, não incomodava, era uma questão apenas de estar à sua frente, imóvel, em secreta comunhão. Ele fora o escolhido de um inseto, que poderia ter voado para outro apartamento, onde houvesse outra vigília de escrevedor de coisas, mas aquela fora a casa de sua preferência.

A menos que o acaso determinasse aquele encontro. Era pos-

sível. O inseto voara a esmo. O homem quis aferrar-se a esta hipótese, bem plausível. Já se envergonhava de ter envolvido o estranho numa aura de sensibilidade, e talvez voltasse ao impulso inicial de eliminação. A essa altura, espantou-se com a mobilidade de suas reações. Passava de verdugo a sentimental, depois a observador cético e crítico, finalmente perdia-se na confusão das várias atitudes que podemos assumir diante de um inseto instalado na mesa de um escritório, a uma hora que ainda não é madrugada mas já é noite alta e de sono profundo.

Aquietou-se, afinal, na contemplação do “bicho da terra tão pequeno”. Era alguma coisa parecida com um botão marrom rombudo, que tivesse olhos e um projeto de asas — o suficiente para deslocar-se no espaço em aventuras breves. E não era uma aventura simples: a altura do edifício exigia esforço grande para chegar da árvore até o décimo primeiro andar. Entretanto, o botão vivo o fizera, e ali estava, tranquilo ou cansado, à mercê do gigante indeciso, que procurava entender, não propriamente sua presença, mas a turbação íntima que essa presença despertava no gigante.

O homem não pensou em recorrer às encyclopédias para identificar o visitante. Ainda que chegasse a identificá-lo como espécie, não avançaria muito no conhecimento do indivíduo, que era único por ser entre todos o que o visitava. E na multidão de insetos, imagináveis e inimagináveis, só lhe interessava aquele, companheiro noturno vindo de não se sabe onde, a caminho de ignorado rumo.

Já não escrevia. Olhava. Mirava. Sentia-se também olhado e mirado, quando o inseto fez ligeiro movimento que o colocou diretamente sob o foco de luz. Seria exagero encontrar expressão naqueles dois pontinhos negros e reluzentes, mas o fato é que deles parecia vir para os olhos do homem um sinal de atenção ou curiosidade. E os dois, homem e inseto, assim ficaram longo tempo, na muda inspeção, ou conversa, que não conduzia a nada.

A nada? Muitas conversas entre homens também não levam a resultado algum, mas há sempre a esperança de um entendimento que pode vir das palavras ou de uma troca desprevenida de olhares. E o olhar pode penetrar mais fundo que as palavras.

O homem sabia disto. Mas aí notou que, sabendo falar alguma coisa, não era perito em ver diretamente o real. A figura do inseto dizia-lhe pouco. Dos dois, talvez fosse ele, homem, o que menos habilitado se achava para uma forma de comunicação, aquém — ou além — dos códigos tradicionais.

Distraiu-se avaliando essas limitações e, ao voltar à observação do visitante, este havia desaparecido, decepcionado talvez com a incomunicabilidade dos gigantes. Não é todas as noites que um inseto nos visita. E, se consegue insinuar-nos alguma coisa, esta nunca jamais foi captada para os homens que merecem crédito; só os ficcionistas é que costumam registrá-la, mas quem leva a sério ficcionistas?

A COMPANHIA INDESEJÁVEL

A moça é daquelas que dão duro no trabalho, como chefe de órgão importante, e depois vão para casa cuidar de si mesmas. Chamemo-la Andreia. Vive só, o que é mais inteligente do que viver com um apêndice importuno. Sem empregada, tendo apenas faxineira, cuida pessoalmente de sua dieta-da-lua, de suas roupas, de suas contas, de sua música, de seu tudo. E ao apagar a luz, finda a jornada cheia de responsabilidades para com a pátria e a vida, seu sono é o da pureza de alma. Que bom viver só, sem a presença do Outro, o terrível Outro, que é sempre (ou quase) um Eu rabugento ou chatíssimo!

Semana passada, Andreia acordou disposta como sempre a lutar, e foi tomar seu chazinho-de-jasmim. A mesa, arranjada de véspera, era primor de ordem e asseio, de que a moça faz questão: um de seus traços pessoais. E que viu Andreia, além da xícara, dos apetrechos, da latinha de chá, da toalha, dos finos biscoitos? Viu que alguém passara por ali e tomara chá antes dela!

Que tomara chá, propriamente, não, mas que usara a mesa e deixara sinais, era evidente. As coisas estavam desarrumadas, a colher fora de lugar, havia rugas na toalha, um biscoito fora trincado, e até, para horror de Andreia, pequena e estranha substância se depositara sobre a mesa!

A moça correu às portas, a social e a de serviço, e achou-as trancadas como as deixara. Pela varanda fechada não poderia ter entrado ninguém. Que ser misterioso conspurcar a sua mesa? Mal indagou isto a si mesma, viu uma forma veloz deslizar pelo tapete e esconder-se atrás de uma poltrona. E essa coisa chispante, branco acinzentada, era um camundongo. Ir correndo à copa, brandir uma vassoura e atacar o bichinho foi obra de um momento. Em vão, é claro. Não há camundongo que se deixe pegar por moça nervosa e de má pontaria.

O tempo de Andreia era curto, não dava para empreender caçada em regra, com o auxílio do gato do porteiro; ela deixou o

apartamento e foi muito abalada para o serviço. De lá telefonou para a Comlurb, pedindo que fossem pegar o rato em sua casa. Marcada a visita para o dia seguinte, Andreia faltou ao trabalho para atender ao matador de ratos, que apareceu com a sua instrumentália, viu, não achou sinal de rato nenhum e pediu maiores esclarecimentos:

— A senhora pode me dizer o tamanho dele?

— Vi só um momentinho, acho que tem uns noventa milímetros de comprimento e outros tantos de rabo.

O homem sorriu:

— Ah, então o que a senhora viu foi um camundongo.

— Que diferença faz? Ele rói da mesma maneira e eu me sinto ameaçada.

— A diferença é que nós só cuidamos de ratos, desses ratões ou ratazanas, que medem vinte centímetros de comprimento e pouco menos de rabo. Esse ratinho da senhora é café-pequeno pra nós. Já experimentou ratoeira?

— O porteiro me emprestou uma, que até agora não pegou nada.

— Vai ver que o danadinho sentiu cheiro de ratoeira usada, que não engana, e não foi besta de arriscar. Eles têm um faro! Compre uma ratoeira no bazar.

— É o que vou fazer já. E se ela não pegar? Se o ratinho for bastante inteligente para perceber que aquilo é de morte?

— Bem, nunca se pode garantir nada a respeito do comportamento dos camundongos. Eu mesmo já lutei contra eles lá em casa, e pegava uns três por dia. Mas sabe o que aconteceu? Ficava sempre uma fêmea para parir cinco vezes por ano uma média de oito a dez filhotes de cada vez.

— O quê? — Andreia teve o maior arregalo de olhos de sua vida. — E eu vou ter em casa essa cambada toda infernizando a minha vida?

— Calma. Não estou dizendo que o seu camundongo...

— Meu, não!

— Que o camundongo desta casa se multiplique. Se é um só, como é que vai se multiplicar? Procure manter a serenidade, nem eu vim aqui para assustar mais a senhora. Vim em missão de paz.

— E então?

— Então, acho que tenho uma solução para o seu caso.

— Diga, diga.

— Tem um preparado aí que dizem que é um barato. Eu não experimentei, mas um amigo meu afiançou que é tiro e queda. O nome é Catitoline. Não sabe que o povo chama camundongo de catito? Pois é.

— Ah, obrigada pela indicação! Vou rezar para que esse tal de Catitoline dê certo. Bem, me esqueci de que não rezo, mas Deus é grande. O que eu não posso é viver em companhia de um ratinho, e muito menos se ele for de família numerosa.

Pelo telefone, Andreia comprou imediatamente o raticida.

— Agora vamos à luta — exclamou com voz de combate.

Pegou da bula, que era vasta, alastrada em duas páginas de tipo miúdo, com ilustrações. Sem tempo a perder, procurou o essencial; dosagem, e como preparar a isca. Espalhou pela casa, do quarto de dormir até a área de serviço, as pequenas porções de pó róseo impregnadas em pedacinhos de folhas de chicória — ah, esperança! ah, incerteza! porque Andreia confiava e descreia ao mesmo tempo. Sua cabeça não sossegava, com o pensamento de já não morar só, de ter uma companhia que ela não convidara nem desejava — a mísera, assustadora, incontrolável companhia de um ratinho mais ou menos invisível.

Suas noites eram povoadas de ratinhos que bailavam sobre a escova de dentes ou se escondiam no sutiã. Despencavam-se do lustre, em brincadeira perversa, indo cair dentro dos chinelos. E até no chuveiro eles se mostravam, envolvidos em água. Andreia tinha medo de dormir; passou a ter pesadelos acordada. Um dia, abriu o livro de Manuel Bandeira, poeta de sua devação, e um camundongo saltou do interior, entre duas folhas. Será que Catitoline resolve?

Andreia lera, afobada, que era preciso insistir de quatro a seis dias na aplicação; se fosse o caso, até dez. Pela manhã, passava em revista as porções, que diminuíam de tamanho. O ratinho cevava-se. Andreia, ao renovar as iscas, chegou a pensar que, no fundo, estava criando e alimentando um rato, em vez de exterminá-lo. Era preciso ter paciência e persistência. No dia

em que nenhuma folha de chicória aparecesse mexida, a guerra estaria ganha.

O ratinho continuava circulando pelo apartamento, circulando e comendo. Foram dias penosos de incerteza, quando quem menos ou nada comia era Andreia, receosa de que, depois da refeição de Catitoline, o danado fosse degustar sobre-mesa de queijo, na mesa de jantar. Todos os lugares, móveis, vasilhas e utensílios da casa estavam sob suspeita. Poluídos? Não poluídos? Quem sabe! Na dúvida, tocava o mínimo possível nos objetos. Com a ponta dos dedos.

As amigas, a quem Andreia contara o problema, indagavam da evolução dos acontecimentos. Aconselhavam dobrar, triplicar a dose de Catitoline. Fazer novena para santa Ludvília, protetora contra animais daninhos. Recorrer à macumba do Morro dos Cabritos. Contratar um segurança que permanecesse indormido no interior do apartamento. Apelar para o presidente Figueiredo, por que não? Tão fértil, a imaginação das pessoas!

— Como é: o ratão está engordando com as mordomias? — telefonou um amigo, e Andreia desligou, indignada. É brinca-deira que se faça?

Pouco a pouco, as iscas foram se mostrando intactas. Assim ficaram durante cinco dias. Tempo bastante para Andreia confiar no veredicto das amigas:

— Esse, nunca mais. Pode crer.

Nenhuma notícia do ratinho. Procura-que-procura em toda parte, esconderijo, ângulo, nada. Como podia desaparecer assim? Por que o cadáver não ficara exposto, certificante? Afinal, um rato é um rato, não uma abstração.

De qualquer maneira, Andreia dedicou um pensamento de gratidão ao Catitoline, veneno milagroso e util, lento e misterioso. Leu com aprazimento a bula, antes percorrida de relance. A curiosidade a incitava: Por que motivo o cadáver desaparecera?

A bula informou-lhe que o ratinho não apodrecia nem cheirava mal porque se recolhera ao lugar de origem e aí quedara morto, mumificado. É das excelências de Catitoline: fulmina e impede o mau cheiro.

— Mas que é que ele tem de especial para fazer a mumifi-

cação? Que substância gostosa é essa, que mantém a gula do ratinho durante tantos dias, sem provocar-lhe cólicas e até o incitando a comer mais?

A bula, copiosa e ilustrada, respondeu, em exatas palavras, que o elemento químico responsável pela morte e pela conversão do camundongo em múmia inodora era segredo de fabricação, protegido pelas leis de propriedade industrial, mantido nos últimos quinze anos pela multinacional proprietária da fórmula, bolada por eminente cientista holandês, especializado em racicídio. Quanto ao sabor da comida, a bula riu e não escondeu:

— Ora, o ratinho não é levado pela fome, mas pelo desejo sexual. A substância empregada proporciona-lhe grande prazer e até mesmo orgasmo. O camundongo morre feliz, depois de uma temporada erótica da maior intensidade. Não é o alimento que move os bichos e tantos seres humanos; é o sexo.

— Vivendo e aprendendo — concluiu Andreia, voltando à paz e à ventura de morar sozinha. O que — acrescente-se — não é sinônimo de viver sozinha.

BELA NOITADA

I

Foi um jantar memorável o que o casal Gelsêmium Sempervírens ofereceu sexta-feira passada, em sua mansão da Gávea, ao príncipe Cocúlus Índicus. Memorável por tudo, a começar pela presença do que de mais fino tem a sociedade carioca, desde o sr. Agraphis Nútans, que acaba de trocar o hábito de monge da Ordem da Áctea Racamosa pela pasta de executivo da Bórax Veneta (sua experiência religiosa, como se comentava, durou nada menos de cinco anos) até a magnífica sra. Verátrum Álbum, marechala de elegância na corte de Bruxelas.

Entre cinquenta outros convidados, desfilaram Chelidônium Május e seu novo par, a sra. Lachésis Mútus, o *bachelor* Ranúnculus Bulbósus, as irmãs Pulsatilla (Rhus vai dirigir um curso de meditação ultrassensorial em Rio das Ostras, para quinze privilegiados), o deputado pedessista Kallinus Bichrômicum, a diretora da Hépar Súlfur, sra. Nátrum Muriáticum, radiante por haver firmado contrato com o governo iraniano para fornecer dez milhões de toneladas de chocolate hifragírico (o *hockydra*, de sua fábrica em Drosesa de Sul), o artista gráfico e ator de tv Sembúcus Nigra, os casais Spigélia Anthelmia, Thúya Occidentális, Pedéphillum Peltátum. E outros.

O príncipe Sempervírens, em uma de suas melhores noites, depois de submeter-se à maratona de festas em sua honra, demonstrou mais uma vez que para ele não há segredos na arte de devassar substâncias espessas: adivinhou o que a sra. Urtica Úrens trazia no interior de um camafeu, nada menos que uma inscrição em língua silícea, destinada a afugentar energias negativas, substituindo-as por positivas. Deste camafeu só existem três exemplares no mundo. Sempervírens não só identificou a peça como leu o texto mágico.

Os assuntos que animaram a reunião foram variadíssimos. A situação política foi considerada tranquila, uma vez que a candidatura do ex-governador Eupátrum Perfoliátum à presi-

dência é a que apresenta melhor perfil para o cargo, nos termos prefixados, e, contando com a simpatia popular, dispensa não só a eleição direta como até a indireta: ele pode já ser considerado o Pré da República. A seu lado, o deputado Férrum Phosphoricum recebia cumprimentos; é quase certo que será o futuro ministro da Justiça. O do Planejamento será possivelmente Azáricus Muscárius, se não for Antimônus Crûdum, também presentes e fartos em sorrisos.

China Sempervírens, a anfitriã, esplendia num vestido plúmbios metálico, assinado por Spôngia, e as convidadas não faziam por menos em toaletes que atestavam o talento de costureiras como Tabácum, Glonoínus e Fórmica Rufa. Já o cardápio, testemunhando a grife de Phetelácea, simplesmente ébaíu os convivas com um *médaillon* da arnica montana que será lembrado durante quinze anos. O chefe mostrou ainda a sua garra subscrevendo a sobremesa de harmális virgínica gelada, que pela primeira se serviu ao ponto no Rio de Janeiro, e foi saudada com palmas.

Gelsémium, ao lado de China, foi o anfitrião perfeito que comprovou mais uma vez sua reputação de *grand seigneur* dos tempos da Ilha Grande. Negou que esteja pensando em vender seu complexo industrial da baixada de Cápuum, pois justamente deseja transformá-lo em condomínio com seus 3,5 mil empregados, além de contratar mais 2,6 mil como contribuição para desfazer a balela de que há crise de desemprego no país. Esta declaração foi aplaudida com entusiasmo, e o jornalista Cóccus Cácti lançou logo a ideia de Gelsémium ser aclamado o Homem de Hipervisão de 1983, pois enxerga mais longe e mais alto do que o comum dos empresários.

Homem encantador, o príncipe Cocúlus convidou a todos para esticada no Mercúrius, o que foi aceito sem discussão. Como ele jamais usou cartão de crédito, mesmo porque essa instituição é proibida em seu reino do Íris Versicólor, e não carrega dinheiro no bolso, por ser anti-higiênico, a despesa foi rateada por uma vaquinha entre todos os presentes e mais alguns motoristas que serviam aos convidados, tudo na maior alegria e descontração.

Cocúlus Índicus viaja hoje de regresso para Íris, com esca-

las em várias capitais da América Latina, onde, como aqui, tem numerosos amigos. A única nota desagradável da noite foi o desaparecimento de uma joia da sra. Verátrum Álbum, que se sentou ao lado do príncipe no Mercúrius, mas ele consolou com um beijo nos lábios a perdedora, que logo esqueceu o incidente.

Bela noitada, em última análise.

II

Este cronista se deu mal ao excursionar pelo jet set para contar o que foi o jantar dos Gelsémium Sempervírens em honra do príncipe Cocúlus Índicus. Recebeu várias cartas de retificação e protesto que, por dever de ofício, aqui vão reproduzidas no essencial. Peço desculpas pelos erros de informação contidos na crônica-reportagem. Devo confessar que não participei do jantar (aliás, nem fui convidado) e que o meu relato se baseou em fontes até então dignas de crédito; hoje não valem nada, à vista dos desmentidos, que, embora divergentes, concordam num ponto: não houve jantar, ou, se houve, não se sabe onde nem quando. Passo às cartas.

“Prezado CDA: Bem se vê que você nunca frequentou colunáveis, bicho do mato como é. Sua narrativa não faz sentido. O casal Sempervírens desfez-se no ano passado, e, portanto, não ofereceu jantar algum, mesmo porque China Bremen, ex-Sempervírens, assistia na ocasião ao Festival de Cannes, escoltada pelo cineasta Hayama Imamura, primo de Shohey Imamura, ganhador da Mandrágora de Ouro. Hayama não concorreu, mas considera-se premiado por ter conhecido China, que ele pretende lançar como protagonista de seu próximo filme, *A amiga íntima do dragão*, a ser rodado em Búzios em 1984. E Gelsémium, ex-marido de China, há meses desapareceu das colunas. Portanto, papo-furado, e vê se não se repete. Isaías Arrigo.”

“Caro cronista. Convidado que fui ao jantar dos Sempervírens, de que você falou há dias, começo corrigindo o seu primeiro engano: chama-se Tecla, e não China, a esposa do meu amigo Gelsémium. O jantar seria oferecido, não ao ‘príncipe’ Cocúlus, que aliás foi desmascarado como reles farsante, no gênero daquele pseudoeconomista que chegou a lecionar na Fundação Getulio Vargas em São Paulo, mas ao conde Laboulaye de Choderlos, representante da Devil Inc., de Nashville, a última palavra em eletrônica a serviço do progresso dos países em semidesenvolvimento. Sua alteza, acometido de mal súbito pela manhã, não pôde comparecer ao ágape, e este foi cancelado até que o homenageado se tenha recuperado, após seu regresso dos States, onde se internou em clínica especializada. A sra. Verátrum Álbum não podia queixar-se do desaparecimento de uma joia no jantar malogrado. Ela é vezeira em denunciar perda de brilhantes em festas de elite, quando na verdade usa apenas joias de cutilquê, adquiridas na rua da Alfândega. E posso garantir que jamais seria convidada pelos Sempervírens.

Martinico Bertoni.”

“Senhor. Há coisas, mesmo afiançadas por um cavalheiro da sua confiabilidade, em que não podemos acreditar. Os Sempervírens, conhecidos trambiqueiros, oferecendo festas régias a um fidalgo? Essa não. O sr. Gelsémium está sendo processado por mim, sua credora, a quem deve cinquenta mil dólares, importância da venda, que em má hora lhe fiz, da minha parte no condomínio Arethusa, na Barra. E a esposa dele (será mesmo esposa?), convidou o jornalista a indagar das butiques de Ipanema qual o crédito de que ela goza. Peço publicar esta para conhecimento dos incautos. *Lola Ximene*, por seu advogado *Oláderico Telêmaco.*”

“Ilmo. colunista. Vivendo e aprendendo. Caí das nuvens lendo vosso relato do jantar *chez Sempervírens*. Li-o para o disintíssimo príncipe Cocúlus, que não admitiu ouvir até o fim.

Jamais ele frequentou aquela gente nem sabe de sua existência. Seu primeiro impulso foi levar os Sempervírens aos tribunais, por abusarem do seu nome e prestígio social. Mas isto acabaria envolvendo o colunista, iludido em sua boa-fé, e, apesar de não conhecer pessoalmente V. Sa., sei que é homem de boa moral e apenas agiu com certa leviandade, ao veicular notícia falsa. Assina esta a amiga dedicada do príncipe Cocúlus, *Janeta Assunção Van der Loo.*"

"Ao jornalista do Caderno de Variedades. Sofreando a minha justa indignação, venho reclamar de sua consciência ética a retificação do publicado a respeito do jantar que eu e minha esposa teríamos oferecido ao príncipe Cocúlus. Antes de mais nada, aí se insinua grave suspeita ao meu passado de *grand seigneur* dos tempos da Ilha Grande, dando a entender que vivi no presídio e lá dei festas memoráveis, acusação absurda, pois estive ali dois meses, não nego, não como criminoso comum, mas vítima de engano das autoridades do DOPS, ao acreditarem na falsa denúncia de alguém a quem protegi e que se virou contra mim quando desfizemos a infeliz sociedade imobiliária em que entrei com o capital e ele com a lábia. E festas... Que festas poderia eu dar em tão incômoda posição? Coisas da vida. Nunca nos vangloriamos da nossa amizade ao príncipe Cocúlus, mesmo porque não é do nosso feitio discreto. Se algum dia o levamos a algum restaurante ou o tivemos em almoço informal em nossa casa, isto é coisa que não interessa aos jornais e prefiro não elucidá-la. Minha esposa e eu ficamos magoados com a fantástica reconstituição de um jantar imaginário em que teria havido até roubo de joia. Magoados e revoltados. Se já vivíamos distantes do *society*, agora então é que não queremos nem ouvir falar nisso, e pretendemos nos mudar para bem longe do Rio de Janeiro e de suas fofociques. *Gelsêmium Sempervírens.*"